



Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
PPG-AV /UnB - Vol. 20, n. 2, ago/dez 2021
ISSN 2447-2484







REITORA

Márcia Abrahão Ribeiro

VICE-REITOR

Enrique Huelva Unterbäumen

INSTITUTO DE ARTES/DIREÇÃO

Fátima Aparecida dos Santos

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS/CHEFIA

Cecília Mori

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Biagio D'Angelo

REVISTA VIS

Rosana de Castro

Editora-Chefe

Cayo Honorato

Editor Adjunto

CONSELHO EDITORIAL

Belidson Dias

Cayo Honorato

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

CONSELHO CONSULTIVO

Anita Sinner –Concórdia University

Graça dos Santos –Université Paris Ouest Nanterre La Défense

Jorge Anthonio e Silva –Universidade de Sorocaba

Jorge Coli –Universidade Estadual de Campinas

LuisSérgio Oliveira –Universidade Federal Fluminense

Luiz Cláudio da Costa –Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Philippe Brunet –Université de Rouen

Raimundo Martins –Universidade Federal de Goiás

Ricard Huerta –Universidad de ValenciaRitalwin –University of British Columbia

Suzete Venturelli –Universidade Anhembi-Morumbi/Universidade de Brasília

CAPA - Sem Título, de Nei Leite

Composição: Andréa Costa

Programação visual/diagramação: Andréa Costa

Preparação dos originais: Rosana de Castro

Dados Internacionais de Catalogação e Publicação (CIP)VIS: publicação eletrônica
do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade de Brasília.
Departamento de Artes Visuais. Instituto de Arte. v. 20, n. 2 (ago-dez 2021)
Brasília: UnB, 2021 - v. Semestral

<https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis>

Sumário

EDITORIAL	05-06
Arte Xakiabá	07-56
<i>Edgar Kanaykō, Dona Dalzina, Nei Leite, Ivanir Oliveira, Zé Santana</i>	
Ensino de Artes: entre a monocultura e o sonho.....	57-83
<i>Tales Bedeschi Faria</i>	
Piatai Datai – no tempo de Makunaimî, Arte, Ensino e Comunidade em uma Galeria de Arte Indígena Contemporânea de Roraima	84-104
<i>Luís Müller Posca & José Bezerra de Brito Neto</i>	
Desafios da inserção das Artes Indígenas Contemporâneas na escola não indígena	105-120
<i>Lucia Gouvêa Pimentel</i>	
“Eu cheguei agora nesta nova aldeia”: poética e política na autodemarcação Tuxá de D’zorobabé	121-138
<i>Leandro Durazzo</i>	
Arte Contemporânea, Sistemas Vivos e Ativismos Ambiental.....	139-158
<i>Marina Murta Serra Maia & Sabrina Melo</i>	
Ensaio	
A arte de ser índio	159-166
<i>Maria Inês Almeida</i>	
Entrevista	
Entrevista com o artista Binário Armada	167-185
<i>Ana Avelar & Marcella Imperato</i>	
Artigos Livres	
O ilê performático da biodiversidade dos Orixás e das labás: os saberes das Africanidades para a sustentabilidade contemporânea.....	187-200
<i>Elison Oliveira Franco</i>	
Al-Nakba, o exílio e o direito de retorno no grafite palestino	201-228
<i>Vitoria Paschoal Baldin</i>	
Tecnologia e ciência no gabinete de curiosidades	229-246
<i>Rosa Amelia Barbosa & Marilda Lopes Pinheiro Queluz</i>	
Imagem da palavra; palavra da imagem: Sobrevivência & resistência em benjamina por Nelson Cruz.....	247-268
<i>Mirella Spinelli, Angélica Oliveira Adverse & Andréa de Paula Xavier Vilela</i>	
A Ondina entre o movimento das águas e do tempo.....	269-285
<i>Daniela Queiroz Campos</i>	
gravuras, desenhos de Tarsila do Amaral.....	286-313
<i>Michele Bete Petry, Marcia de Almeida Rizzutto & Pedro Herzilio Ottoni Viviani de Campos</i>	

Editorial

“Terra indígena Porto Praia. Proibida a entrada de pessoas não autorizadas, a derrubada de madeira e a caça ilegal” (Lei nº 6001, de 1973 e Art. 213 – Constituição Federal).

Nesta edição da *Revista VIS*, ecoa o aviso fixado na entrada das terras dos povos indígenas de Porto da Praia e reverbera o alerta de todos os parentes que formam os mais de 300 povos espalhados pelo Brasil. Eles estão vigilantes e atentos ao Canaimé* que tomou conta das decisões legais que lhes dizem respeito e que ameaçam a proteção dos seus territórios. Nesses territórios, somam-se mais de 240 línguas integrantes de culturas que são seculares. Junto a elas, as manifestações artísticas como aquelas tratadas pelos escritos que compõem este número da *VIS* intitulado de Dossiê “Artes Indígenas Contemporâneas”.

Iniciamos o Dossiê com o ensaio fotográfico *Artes Xakriabá* integrado por: Edgar Kanaykõ, Nei Leite, Ivanir Silva e Zé Santana. A Aldeia Barreiro Preto, Terra Indígena Xakriabá, está localizada em São João das Missões, em Minas Gerais. Após mostrar essa localização, o ensaio segue apresentando imagens das obras de cada um dos artistas, inclusive, a obra que ilustra a capa e o miolo deste número, que é de autoria de Nei Leite.

Atualmente, as universidades e as escolas de educação básica enfrentam a jornada de conhecimentos sobre os povos indígenas desde uma perspectiva decolonial. Para contribuir com essa jornada apresentamos os artigos: *Ensino de Artes: entre a monocultura e o sonho*, de Tales Bedeschi Faria; *Piatai Datai – no tempo de Makunaimi - Arte, Ensino e Comunidade em uma Galeria de Arte Indígena Contemporânea de Roraima*, de Luís Müller Posca e José Bezerra de Brito Neto; e, *Desafios da inserção das Artes Indígenas Contemporâneas na escola não indígena*, de Lúcia Pimentel.

O artigo de Leandro Durazzo discute sobre a autodemarcação de *D’zorobabé*, Terras Indígenas ancestrais do povo Tuxá, em Rodelas, Bahia. O autor revela o envolvimento dos tuxás com a autodemarcação por meio de uma análise poética de um toante, linha musical cantada nos rituais do toré tuxá. Durazzo explica a maneira como o toante orientou a reconfiguração das compreensões de habitação e ocupação territorial dirigidas pela potência significativa da palavra, cuja performatividade constitui mundos de sentido e experiência.

No artigo *Arte Contemporânea, Sistemas Vivos e Ativismos Ambiental*, Marina Murta Serra Maia e Sabrina Fernandes Melo promovem reflexões desde as consequências da passagem de Canaimé, na forma de um desastre ambiental, pelo Rio Doce. Junto a isso, apresentam as obras de Emerson Munduruku, Carolina Caycedo, Margarita Rodriguez Weweli-Lukana e Juma Gitirana Tapuya Marruá, artistas que em suas poéticas navegam por reflexões relacionadas às lutas socioambientais e encontram na água o ponto central para suas poéticas.

Maria Inês Almeida, em seu ensaio “A arte de ser índio”, trata da exposição *Mira! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas* na UFMG, e que reuniu 54 artistas de cinco países da América do Sul: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru. Para fechar o Dossiê: “*Arte Indígena*”

Contemporânea”, Ana Avelar e Marcella Imparato apresentam a entrevista realizada com o artista Binário Armada.

Junto ao *Dossiê*, o leitor tem acesso aos artigos submetidos à Revista VIS de maneira espontânea. São eles: *O ilê performático da biodiversidade dos Orixás e das labás: os saberes das Africanidades para a sustentabilidade contemporânea*, de Elisa Oliveira Franco; *gravuras, desenhos de Tarsila do Amaral*, de Michele Bete Petry, Marcia de Almeida Rizzutto e Pedro Herzilio Ottoni Viviani de Campos; *Al-Nakba, o exílio e o direito de retorno no grafite palestino*, de Vitoria Paschoal Baladin; *Tecnologia e ciência no gabinete de curiosidades*, de Rosa Amelia Barbosa; *Imagem da palavra; palavra da imagem: Sobrevivência & resistência em benjamina por Nelson Cruz*, de Mirella Spinelli, Angélica Oliveira Adverse, Andréa de Paula Xavier Vilela; e *A Ondina entre o movimento das águas e do tempo*, Daniela Queiroz Campos.

Este número da *Revista VIS* também foi resultado de provocações dos colegas Profes. Arissana Pataxó e Tales Bedeschi Faria. Ao serem convidados para integrar o *Dossiê*, eles trouxeram questões importantes sobre os modos e as maneiras de abordar a Arte Indígena Contemporânea, ideias que foram absorvidas de pronto pela edição da VIS. Junto ao seu artigo, o Prof. Bedeschi disponibilizou para esse número o belíssimo ensaio de *Artes Xakriabá*, resultado de sua interlocução aprofundada com os indígenas, relacionada aos seus estudos de doutorado. Estávamos entusiasmados com as articulações que vinham sendo feitas para apresentar o *Dossiê* aos leitores do nosso periódico. Infelizmente, esse entusiasmo foi posto em suspensão pela partida precoce de um dos maiores representantes da AIC, se não o maior, Jaider Esbell. Como não poderia deixar de ser, dedicamos as ideias que seguem ao Jaider Esbell, tendo a certeza de que continuaremos avançando para romper as portas do mundo deixando a sabedoria ancestral nos conduzir pelo caminho que a “agulha de marear” interrompeu para nos levar ao caos.

Profa. Dra. Rosana de Castro

Editora-Chefa da Revista VIS

*Canaimé é um termo usado pelo povo macuxi, associado à figura do mal, do fantástico, e também à figura do sobrenatural, da metafísica (...). Em resumo, o canaimé é um estado, um estado performático, transitório, metamórfico mesmo, porque se trata de manipulação de poder, de feitiços... (Entrevista de Jaider Esbell a *Arte & Ensaios*, vol. 27, n. 41, jan-julho 2021)